

Distinguir entre terrorismo e resistência

Publicação: [O Mundo em Português Nº 63](#)

Data de Publicação: Outubro/Novembro 2006

Autor: Amr Elchoubaki

Numa gravação recente da al-Qaida, Ayman El-Zawahri solidarizou-se com a resistência libanesa. O segundo terrorista mais procurado do mundo declarou o seu apoio aos oprimidos e prometeu continuar a combater os Estados Unidos e o sionismo em apoio a todos os árabes e muçulmanos. As suas palavras caíram no vazio. Uma aliança entre um grupo de resistência como o Hezbollah e uma organização terrorista como a al-Qaida está fora de questão. A al-Qaida pode orgulhar-se de ter atingido os sistemas de transportes em Madrid e em Londres, mas não pode ajudar os combatentes da liberdade em parte alguma. A única coisa em que a al-Qaida se distingue é em manchar as causas da resistência armada – e a causa palestina já sofreu muito com as suas explorações dúbias.

A al-Qaida não é aliada do Hezbollah, mas pode ser a sua sucessora. Gostaria de entrar no Líbano, mas só quando o Estado libanês tivesse perdido o seu poder – foi o que aconteceu no Iraque. Se Israel tivesse tido a capacidade de alcançar uma vitória decisiva contra o Hezbollah, o Líbano ter-se-ia tornado no tipo de Estado falhado com que a al-Qaida sonha.

A seguir ao 11 de Setembro, os Estados Unidos definiram a sua perspectiva do terrorismo. Inicialmente, tentaram a sua sorte no Afeganistão e, depois, foram em força para o Iraque, com consequências desastrosas. A Europa também abraçou, de algum modo, a tacanhez adoptada pela administração Bush. Qualquer um que pegue em armas para lutar contra um ocupante é automaticamente considerado terrorista e a guerra é vista como a melhor resposta ao terror.

A administração norte-americana não consegue distinguir entre terrorismo e resistência armada, pelo que não estabelece a distinção entre a Hezbollah e a al-Qaida. O Hezbollah, o Hamas, a Jihad, a Frente Popular de Libertação da Palestina e as Brigadas Al-Aqsa da Fatah são movimentos de resistência. A incapacidade de os distinguir de organizações terroristas como a al-Qaida não trouxe nada mais que uma catástrofe a esta região, tendo-se tornado o «novo Médio Oriente» mais sangrento do que em

qualquer experiência anterior. A batalha contra o terrorismo é uma batalha intelectual, política e de segurança enquanto a batalha contra forças de resistência armada é um esforço político – que pode acabar quando Israel devolver os territórios que ocupa.

Israel cometeu crimes de guerra contra o povo libanês e os seus ataques no Líbano, desencadeados por uma operação militar na qual o Hezbollah capturou dois soldados, demonstram uma grande arrogância. O que pretende é destruir o Hezbollah, não por ser um grupo terrorista, mas por ser um símbolo de resistência.

Os norte-americanos e os israelitas confundem terrorismo com resistência e ambos pretendam que o factor político desapareça para poderem usar a força e a propaganda para atingir os seus objectivos. É uma tática arriscada. Caso tivessem tido sucesso na destruição do Hezbollah, teriam fornecido a terroristas reais um ponto de apoio no Líbano, pois se o Estado libanês perder o seu controlo sobre o país, as acções terroristas vão tornar-se uma realidade, como no Iraque.

O Hezbollah é mais do que uma força de combate. É uma necessidade política e social. Os acordos políticos para esta região têm sido sempre baseados em repressão a partir do exterior e em capitulação por parte dos regimes locais, o que tem levado a opinião pública árabe a alinhar com o Hezbollah, para quem é um símbolo de inflexibilidade. É o único grupo que tem dito não a Israel e que recusou retirar-se. Quando os chamados governos moderados recuaram, o Hezbollah permaneceu no seu terreno, no qual é tão popular actualmente.

Os norte-americanos não parecem entender a forma de estar árabe ou como o público está cansado de ver os seus governantes aceitarem as ordens de Washington. Os árabes não têm saudades de Saddam, nem se sentem entusiasmados por ver países como a Síria resistir mais por palavras do que por acções. Estão cansados da contínua opressão dos regimes de estilo baasista. O que os árabes pretendem ver são líderes democráticos desafiadores, mas conscientes da situação internacional. A região precisa de uma injeção de políticos latino-americanos, líderes que não tenham uma perspectiva nem isolacionista nem ditatorial, mas que tenham espinha dorsal.

O povo pode estar bastante cansado do que os norte-americanos e israelitas estão a fazer à região, mas há alguma hipótese do mundo árabe ter, agora, um governo democrático – islamista ou esquerdista? Por agora, as hipóteses são fracas. Existem movimentos de resistência, como o Hezbollah, mas também existem governos repressivos que dependem do status quo. Nenhum parece oferecer uma saída para o dilema da região, apesar dos movimentos de resistência terem, pelo menos, poder moral. O Hezbollah tem oferecido ao mundo árabe uma voz que contrasta totalmente

com os governos em funções. Este poder moral tem um imenso potencial que a administração Bush não pode, e nunca poderá, compreender. Ambos, Estados Unidos e Israel, pretendem fabricar uma nova elite nesta região, que se irá submeter a todas as suas exigências, tal como os actuais regimes fazem, o que é inaceitável para o público árabe.

A destruição do Hezbollah não é solução. Poderia ter aberto a porta ao terror ao longo de toda a região. Se a guerra no Líbano tivesse desmantelado o Estado, o que quase aconteceu, a situação poderia ser desastrosa não apenas para o país, mas para toda a região. Um ciclo de terrorismo poder-se-ia ter desencadeado e os custos para a população civil teriam sido enormes. Só precisamos de pensar no Iraque.

Israel e os Estados Unidos querem mudar a região, mas são avessos à única forma que a pode converter de forma positiva – uma distribuição territorial justa e pacífica. Israel ataca os palestinianos, todos os dias. Recusa retirar-se dos territórios ocupados e continua a acreditar que a força e a arrogância são a via para a segurança.

O Hamas e o Hezbollah são parte do tecido social e político desta região e é necessário inclui-los no diálogo. Isto pode envolver pressões e compromissos, diferenças e disputas, mas é a única solução para o horror e para a violência que temos testemunhado. O Hezbollah é mais do que uma organização com combatentes treinados; é um símbolo moral e uma necessidade política. Não pode ser silenciado pela força porque já prendeu o imaginário do mundo árabe, mas pode ser incluído no diálogo e convencido através da argumentação.